

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szazima,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto,
Sérgio Salvati, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Sibinelli

EDITORES

Luiz Figueiredo
Marafsa Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortunato
Renato Munhoz

FOTOGRAFIA

Adriano Gambarini, Carlos Alberto Coutinho,
Fábio Colombini, Geiser Trivelato,
Germano Wöehl Jr., Jaime Bórquez,
João Prudente, Luciano Candisani, Luiz Prado,
Renato Grimm, Rudimar Narciso Cipriani,
Saulo Coutinho, José Paulo Lacerda

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Ramos, Evaristo Eduardo de Miranda,
Fernando Kassab, Graciela Andrade,
Henrique Picarelli, Heraldio Campos,
José Alberto Gonçalves, Jum Tabata,
Nikolas Capp Ribeiro

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR

Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chinaglia

IMPRESSÃO - Globo Cochrane

PARA ANUNCIAR

Bahia: (71) 3243.3587/ 91349547
Brasília: (61) 3321.9100/ 9655.1684
Campinas e região: (19) 3296.6224/ 9193.8398
Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul e Goiás:
(65) 923557446 ou 67 96023419
Minas Gerais e Espírito Santo:
(31) 3342.3962/ 9131.8495
Ribeirão Preto e região:
(16) 3620-2702 / 8111-8159
Rio de Janeiro e Amazonas:
(21) 2553.0737/ 8649-9708
Rio Grande do Sul: (51) 3388.7712/9113.6199
Rio Grande do Norte: (84) 4005.5774
São Paulo: (19) 3776.6535
Email: regiane@terradagente.com.br

GAPA

Montagem sobre as fotos de:
Adriano Gambarini (queimada) e Carlos Alberto
Coutinho, Wladimir (Mazama americana)

A revista Terra da Gente
é uma publicação
mensal da Empresa
Regional de Comércio
Eletrônico Ltda,
uma empresa do
Grupo EPTV



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN



Somos muitos

De quantos desastres ambientais precisamos para levantar da cadeira e trabalhar na prevenção de fatalidades e na redução de seus efeitos?

Essa pergunta nos motivou a reunir as informações esparsas em diversas pesquisas recentes sobre a relação entre o clima e a vida, em nossa reportagem de capa dessa edição. Diante de fenômenos tão devastadores quanto o furacão Catarina, de 2004, ou a seca nas várzeas do rio Amazonas, de 2005, ou a cheia do mesmo Amazonas, desse ano, o sentimento tende a ser de impotência e, portanto, imobilidade. Afinal, o que pode um simples ser humano contra a natureza, quando ela resolve se mostrar violenta?

Aparentemente, nada. Mas, se pensarmos duas vezes e conhecermos as causas e os processos de fenômenos climáticos em curso — e das mudanças climáticas, em especial — podemos dimensionar nossa real responsabilidade e, sobretudo, nossa capacidade de resposta.

É preciso lembrar, sempre, que estamos na origem das atuais mudanças climáticas. Sobre isso já não há mais dúvidas. A soma de nossas emissões de carbono — sejam elas fruto da queima de florestas derrubadas, do uso de combustíveis fósseis ou do acúmulo de detritos em lixões — alterou o equilíbrio químico da atmosfera. E a palavra-chave aqui é soma. Não é só porque uma pessoa usa seu carro um dia para ir a uma loja comprar um produto industrializado que a temperatura da atmosfera subiu. É porque bilhões de pessoas usam meios de transporte movidos a combustíveis fósseis, todos os dias, para produzir e consumir trilhões de bens fabricados em indústrias movidas a energia, cujas principais fontes também são combustíveis fósseis.

Apenas quando multiplicamos nossa rotina particular pela população mundial chegamos à dimensão de nossos atos. A boa notícia é que essa dimensão não vale só para o mal. Vale também para o bem. Se somos capazes de modificar a atmosfera e o clima do planeta, somos também capazes de corrigir o curso de nossas ações e consertar os estragos feitos. Por isso é tão importante conhecer as causas e os processos relacionados às mudanças climáticas. Sem informação e cons-

ciência não há ação nem mobilização. É preciso ter certeza de que cada pequeno ato contribui para a soma do todo. E assim tirar das mãos dos poucos líderes mundiais o poder exclusivo de lidar com tais questões. A relação entre o clima e a vida é estreita demais, importante demais para ficar exclusivamente nas mãos de poucos líderes e deixar de ser assunto de todos os habitantes dessa Terra da gente.

Recebemos uma cartinha de uma nova leitora, Isabella Mendes Santiago, de 12 anos, de Passa Quatro, MG. Ela nos conta que já esteve atrás de opções de voluntariado, pois quer participar de alguma ação para salvar a natureza. Disseram a ela que deveria esperar até a maioridade para ser voluntária. Inconformada com a espera, ela nos pede ajuda para fazer alguma coisa. Já!

Você tem toda razão, Isabella, nenhum de nós tem tempo para esperar sentado. A natureza está sob imensa pressão porque o conjunto de nossas atividades a afeta e modifica, todos os dias, em muitas frentes. Só podemos lidar com tamanha demanda se juntarmos todas as pequenas contribuições de cada cidadão do mundo. E se não é necessário ser maior de idade para causar impactos ambientais, também não é preciso esperar para tomar atitudes.

Você pode contribuir ao mudar seus hábitos de consumo, por exemplo. Optar por abrir mais as janelas em lugar de ligar o ar condicionado é uma pequena ação. Ajuda a economizar energia. Trocar uma hora de videogame pelo plantio de uma árvore é outra opção. A cidade onde você mora ainda tem quintais e espaço nas ruas para plantar árvores. Você pode cutucar as autoridades municipais com ações entre amigos. Ou aderir a movimentos mundiais, como o Dia da Terra, que tem uma rede virtual cheia de sugestões para crianças e adultos, no site www.earthday.net.

O fundamental é manter sempre em mente que nenhuma ação, por menor que pareça, é inútil. Como já dissemos, os fenômenos climáticos são de grandes proporções, são imensos. Mas nós somos muitos. Somos bilhões.